



## **Formas Tradicionais de Cooperação entre os Agricultores Familiares de Nossa Senhora da Glória/SE**

**José Franco de Azevedo**, Economista, Mestre em Agroecossistemas, Pesquisador do Instituto Federal de Sergipe, Campus São Cristóvão, Rua Monsenhor Carlos Costa 212, bairro Santo Antônio, Cep 49060-450, Aracaju/SE, [franco@eafsc.gov.br](mailto:franco@eafsc.gov.br); **Dalva Maria da Mota**, Pedagoga, Doutora em Sociologia, Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, [dalva@cpatu.embrapa.br](mailto:dalva@cpatu.embrapa.br); **Juciara Torres Franco**, **Bióloga**, Mestra em Agroecossistemas, Professora das Redes Estadual de Ensino de Sergipe e Municipal de Aracaju, [jucitorres@gmail.com](mailto:jucitorres@gmail.com)

### **Resumo**

Este artigo tem por objetivo discutir as formas de cooperação agrícolas e não-agrícolas praticadas pelos agricultores familiares de Nossa Senhora da Glória, principalmente até o final da década de 1970, buscando entender porque as tradicionais formas de cooperação, denominadas pelos agricultores de: Batalhão, Pisada, Taipa de Casa, Ferra e Pega de Boi, foram praticamente extintas e como se dá atualmente as relações entre os agricultores familiares estabelecidos no município. A metodologia utilizada no estudo foi a pesquisa de campo com 118 agricultores familiares associados e não-associados a entidades formais em 57 povoados do município. Observa-se que as formas tradicionais de cooperação desaparecem à medida que o Estado passa exigir a organização dos agricultores por meio de Associações de Desenvolvimento Comunitário, como condição para a implantação de políticas públicas, voltadas ao desenvolvimento de comunidades rurais; assim como, que às mudanças na paisagem dos agroecossistemas do município contribuiu para o enfraquecimento de formas tradicionais de cooperação.

**Palavras-chave:** Agricultor Familiar, Comunidade, Reciprocidade.

### **Abstract**

This article aims at discussing the ways of agricultural and non-agricultural cooperation practised by the family farmers of Nossa Senhora da Glória, mainly until the end of 1970, seeking to understand why the traditional ways of cooperation by the names of: Batalhão, Pisada, Taipa de Casa, Ferra e Pega de Boi, (names given by the farmers) were practically extinct and how the relations amongst the family farmers are established in the town nowadays. The methodology used in the study was the research field with 118 associated and non-associated farmers in 57 boroughs of the town. One observes the traditional ways of cooperation disappear in proportion to the State starts demanding the organization of the farmers through Communal Development Associations, as a condition to the public politics implatation, aimed at rural communits development; as well as the changes in the landscape of the town agrieocosystems contributing to the weakening of traditional ways of cooperation.

**Key-words:** Community, Family Farmer, Reciprocity.



## INTRODUÇÃO

Maia e Lopes (2003) enfatizam que a comunidade rural é um espaço cultural e social mais que econômico, onde residem formas tradicionais de cooperação que são utilizadas mediante as necessidades dos indivíduos.

É certo que a comunidade recebe influência das transformações sociais, dos costumes, das crenças e dos comportamentos vigentes em uma dada sociedade. É nessa perspectiva que se pode compreender as práticas tradicionais de cooperação entre os agricultores de Nossa Senhora da Glória, como sendo permeada por diversos aspectos, sejam eles sociais, econômicos, religiosos ou políticos.

As práticas tradicionais de cooperação formam um campo fértil de contribuições para entender as manifestações culturais e econômicas de um povo, uma vez que elas retratam ao longo de sua história as transformações sociais e as mudanças culturais de uma dada comunidade, por quem também é influenciada.

Os elementos sociais e econômicos permitem mostrar que as formas tradicionais de cooperação fazem parte da vida social, de um lado, e, de outro se encontram em estado dinâmico, não sendo estática sua permanência no grupo.

Entretanto, observa-se que a partir do final da década de 1970 estas manifestações de cooperação vão desaparecendo, à medida que novas formas de organização são implantadas no município, a exemplo das associações de desenvolvimento comunitário, que tem contribuindo para a adoção de novas tecnologias pelos agricultores familiares, através da implantação de um conjunto de políticas públicas.

Espera-se com este estudo, contribuir para uma compreensão das formas tradicionais de cooperação entre agricultores de Nossa Senhora da Glória fomentando a análise do associativismo praticado mais recentemente.

## OBJETIVO

Analisar as formas tradicionais de cooperação praticadas pelos agricultores familiares do município de Nossa Senhora da Glória/SE, bem como entender de que forma a implantação de Políticas Públicas tem contribuído para modificar as formas de cooperação entre os agricultores.

## MATERIAL E MÉTODOS

### Área de estudo

O município de Nossa Senhora da Glória localiza-se na região noroeste do estado de Sergipe, microrregião do alto sertão do São Francisco, distante a 126 km da capital do estado, Aracaju. Tem uma população de aproximadamente 27 mil habitantes e uma área de 742.000 km<sup>2</sup> (IBGE). Caracteriza-se pela forte presença da agricultura familiar e pela pecuária do leite como sua principal atividade econômica. De acordo com Sá (2004, p.3), “do total de pequenos produtores, possuidores de áreas inferiores a 150 ha, que, por sua vez, representam 95% dos estabelecimentos rurais do município de Nossa Senhora da Glória, 56% obtêm renda da produção de leite”. É possível verificar que apesar dos problemas enfrentados na região como as condições climáticas, a produção de leite



vem crescendo nos últimos anos. Em recente diagnóstico constatou-se que “a produção de leite nos municípios localizados no semi-árido sergipano passou de 10,3 para 47,9 milhões de litros/ano no período de 1985 a 1990” (Mota e Vasconcellos, 2004).

Sabe-se, que no passado os agricultores familiares do município recorriam a diversas formas de cooperação para o desenvolvimento de determinadas atividades, sejam elas agrícolas ou não-agrícolas; tendo em vista que as famílias de agricultores individualmente não conseguiam realizá-las, ou que necessitaria de um intervalo de tempo maior para a execução destas, correndo o risco, em relação às práticas agrícolas de perder o período propício para o plantio.

A origem do município deu-se no contexto do processo de ocupação do sertão sergipano com a pecuária de corte. O povoado surgiu em terras pertencentes a uma grande fazenda do município de Gararu, que servia de parada de descanso (rancho de acampamento) de viajantes durante a noite. A sua primeira denominação, Boca da Mata, deveu-se, a uma densa mata que existia naquele local, os boiadeiros, que passavam tangendo o gado, preferiam esperar o amanhecer do dia para prosseguir a viagem (Freire 2002, 161).

## Metodologia

O estudo realizou-se a partir de pesquisa bibliográfica e de campo, através da qual foram entrevistados dirigentes de todas as entidades formais (associação, cooperativa e sindicato) de produtores rurais do município de Nossa Senhora da Glória, perfazendo um total de cinquenta e nove organizações, e esta mesma quantidade de agricultores associados a essas entidades, com a condição de que não fizessem parte das atuais diretorias no intuito de que fossem confrontadas todas as respostas dos agricultores dirigentes e não dirigentes das associações. Para a realização da pesquisa foi realizada entrevista semi-estruturada e história oral<sup>1</sup>, aplicada no período de setembro a novembro de 2005.

Os encontros com os entrevistados dirigentes (homens e mulheres), com diferentes faixas etárias, aconteceram nos povoados onde estão localizadas as entidades ou na sede do município, levando-se em consideração o seu domicílio e/ou local de trabalho. Quanto aos entrevistados não-dirigentes, as entrevistas aconteceram nos povoados onde estão localizadas as associações.

Todas as informações e depoimentos coletados em entrevistas foram registrados em caderno de campo e/ou gravadas em fita cassete, e a posteriori feito à transcrição; assim como, adotamos a observação direta nos estabelecimentos, considerados nesse estudo como agroecossistemas<sup>2</sup>, além de registros fotográficos.

O roteiro de entrevista comum a todos os entrevistados abordou os seguintes temas: origem do povoado e da associação; formas de cooperação no passado e no presente e ações coletivas nas comunidades.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

<sup>1</sup> Segundo MacNeill (1994), citado por Alencar (1999 p. 119), a história oral nos permite considerar vários aspectos da história que não estão expressos nos documentos.

<sup>2</sup> De acordo com Marten (1987) é um complexo de ar, água, solo, plantas, animais, microorganismo e tudo mais que estiver na área que o ser humano modificou para propósitos de produção agrícola. Pode ter um tamanho específico, pode ser um campo, uma fazenda ou uma paisagem agrícola de uma cidade, região ou nação.



Inicia-se destacando a importância que assume a noção de comunidade para o aprofundamento do debate, acerca das citadas formas tradicionais de cooperação entre os agricultores familiares.

Tedesco (1999, p.90) entende que a comunidade é um local de multissignificados e funções; é o espaço do jogo das trocas que, através de acordos e conflitos, que tece a convivência de uma lógica de integração que passa pela participação, afeto, conhecimento, vizinhança, mutirões, lazer, equipes, relações de direitos e deveres, partilha, experiência coletiva na individualidade, delimitação de espaços, símbolos de identidade, de gênero e de idade, etc.

Entende-se que a comunidade rural não é apenas o espaço físico onde as pessoas se estabelecem, mas o território da convivência e da reciprocidade, uma vez que se constitui no espaço das relações sociais, inclusive as trocas, sejam elas materiais ou simbólicas, de bens ou serviços, por meio das quais os seus membros escolhem os seus aliados e realizam alianças.

Segundo Maia e Lopes (2003, p. 2) a vida social e econômica dos agricultores era organizada pelos princípios da cooperação e da ajuda mútua, conjunto de regras denominado de dívida social da comunidade, o qual deveria ser seguido por todos os seus membros, sob pena de sofrer sanções ou até mesmo de ficar marginalizado e não receber ajuda dos vizinhos quando mais necessitasse.

Para Woortmann (1990, p. 67), “a reciprocidade era o contrato social do camponês hierárquico no interior do todo que é a comunidade”, portanto assumia uma importância muito grande devido ao compromisso moral entre os agricultores, “o contrato não era feito entre indivíduos, mas numa coletividade, entre pessoas morais”.

### A cooperação entre os agricultores

As principais formas de cooperação entre os agricultores do município de Nossa Senhora da Glória eram: *batalhão, pisada, taipa de casa, pega e ferra de boi*. Todas elas reguladas pelo princípio da reciprocidade, para qual a retribuição era obrigatória, seja de forma imediata ou em um outro momento.

Afirma Tedesco (1999, p. 117) que “a cooperação precisa ser recíproca; há um grau de cobrança que não é explícito, mas que regula o grau de confiança e o crédito futuro”. Ressalta-se, que durante a pesquisa não houve nenhuma referência a transações monetárias pela prestação dos mencionados serviços, ficando claro que a cooperação se dava baseada em dádivas feitas e retribuídas. Entretanto, o hábito da retribuição pela gratidão do benefício recebido se constituía em um capital simbólico.

A dádiva é um sistema de intercâmbio, de bens ou serviços, em que a importância da troca não está no que circula, mas nos vínculos estabelecidos através da relação gerada. Nesta relação, não há a preponderância de elementos como o poder ou a valorização monetária, pois tudo que circula está em prol da construção e manutenção de laços sociais.

Caillé (2002, p. 192) interpreta como “qualquer prestação de bens ou serviços efetuada sem garantia de retorno, tendo em vista a criação, manutenção ou regeneração do vínculo social. Na relação de dádiva, o vínculo é mais importante do que o bem”. É uma relação que não procura a equidade na troca, mas um sentimento de dívida espontânea, voluntária, em que as partes se sentem dispostas a doarem de uma forma incondicional, “sem garantia de retorno” (Godbout, 1999, p.29).

Mauss (1974) afirma que a dádiva de nenhuma maneira é desinteressada. Dar, para ele, significa demonstrar a superioridade e aceitar sem retribuir significa subordina-se; e que a tríplice obrigação de dar, receber e retribuir se constitui na primeira condição para efetuar o vínculo social. Portanto, fica claro que a dádiva não era simplesmente uma troca generosa entre vizinhos, uma vez que era regulada por uma complexa lógica.



## Um tempo de cooperação: os batalhões

O termo *batalhão* é utilizado regionalmente e tem o mesmo sentido do mutirão rural ou adjunto, que se constitui em formas coletivas de trabalho. De acordo com Caldeira (1956, p.121) esse termo é utilizado nos estados de Sergipe, Bahia e Alagoas, principalmente nas zonas san franciscana e sertaneja.

Essa forma de cooperação era conhecida regionalmente como *batalhão* por aglutinar um grande número de pessoas. Ressalta-se que cada agricultor participante se encarregava de levar os seus instrumentos de trabalho, as foices, machados, estrovengas e enxadas. Tendo em vista, que o agricultor beneficiário poderia não dispor de uma quantidade suficiente de ferramentas para distribuir com todos os participantes.

Segundo Cândido (1998, p.49), o mutirão “consistia essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-los a enfrentar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc”.

Geralmente, os vizinhos eram convocados pelo beneficiário que lhes oferecia alimento e bebida, encerrando o dia de trabalho com uma festa. Não havia remuneração de espécie alguma, a não ser a obrigação moral com que ficava o beneficiário de corresponder aos chamados eventuais dos vizinhos que o auxiliaram. Este chamado não faltava porque era praticamente impossível a um agricultor, que só dispunha de mão-de-obra familiar, dar conta do ano agrícola sem cooperação vicinal. Para Guimarães (1995, p.52),

O mutirão constituía uma espécie de sociedade de auxílios mútuos, baseada unicamente nos costumes e usanças dessa boa gente, que não dispoñdo muitas vezes senão do seu único braço para o serviço, planta, todavia, roças consideráveis, e obtém a colheita necessária para a sua subsistência.

Quando o convite era feito a um agricultor para participar de um *batalhão* deveria ser aceito. A recusa ao chamado poderia significar a exclusão do circuito de reciprocidade, e o indivíduo correria o risco de ficar em situação de hostilidade e isolamento perante a comunidade, à medida que deixava de cumprir uma das obrigações das regras de reciprocidade: aceitar o convite e ao mesmo tempo dar uma dádiva.

Como afirma Tedesco (1999), o indivíduo não poderia recusar o convite porque assim estaria rompendo com os laços que unem historicamente as famílias e permitem a reprodução da comunidade. A negação, a recusa ao convite, era vista, comunitariamente, como arrogância e auto-suficiência; conseqüentemente, ele perdia prestígio e dignidade.

O *batalhão* também podia ser oferecido a um vizinho em um “momento de precisão”, como resposta a uma situação-problema, constituindo-se assim em um dos momentos mais marcantes de cooperação entre agricultores. Membros da comunidade se encarregavam de informar aos demais da necessidade do trabalho coletivo para ajudar a um vizinho, por uma determinada situação, a exemplo de doença, serviços em propriedades de mulheres viúvas, agricultores com serviços atrasados em relação ao ciclo agrícola, etc. Nesse caso, o agricultor beneficiado não tinha a obrigação de fornecer alimentação e bebidas, visto que era pego de surpresa, assim como, poderia está em dificuldade financeira.



## VIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO

### Agricultura Familiar: Crise Alimentar e Mudanças Climáticas Globais

“Tem um vizinho da gente que ficou doente e não podia fazer a roça dele, aí, já tava no tempo de plantar por causa da chuva, então, juntamos todos os vizinhos e um dia de sexta-feira plantamos a roça dele” (M. F. S. - Povoado Lagoa do Chocalho).

Os batalhões eram realizados principalmente a partir do mês de março, quando se inicia o ciclo agrícola no sertão sergipano. Este tipo de cooperação era realizado durante todo o dia, iniciando-se ao amanhecer e terminando no final da tarde; em boa parte das vezes com uma grande festa.

A determinação de um dia de serviço para a execução das tarefas dessa forma de cooperação, se dava, primeiramente, tendo em vista, as obrigações diárias de cada agricultor-participante, não podendo os mesmos se afastarem de seus estabelecimentos por muito tempo, e segundo que um dia era suficiente para que o grupo de agricultores realizasse o trabalho.

As festas ao final do trabalho, segundo informações obtidas no município, eram comuns em estabelecimentos de agricultores com melhores condições financeiras. Contudo, nas comunidades onde residiam tocadores praticamente não havia distinção, e todo *batalhão* era encerrado com festa, atividade que reforçava ainda mais os laços de amizade.

A festa oferecida pelo dono do serviço aos seus colaboradores não era diferente do comum das festas na roça; aconteciam geralmente nos terreiros das casas ou no próprio quintal. Homens e mulheres dançavam de mãos dadas em forma de uma grande roda ou aos pares, ao som de instrumentos como: sanfona, viola e pífano. Afirma Caldeira (1956, p.122) que o clima gerado pela ação do álcool durante os *batalhões* favorecia os relacionamentos amorosos.

Guimarães (1995, p.51) em *O Seminarista*, retratou o lado lúdico dessa manifestação,

Mutirão! só esta palavra nos faz ressoar aos ouvidos os alegres rumores dos descantos e folguedos da roça, o estrépito dos sapateados da dança camponesa por entre a zoadas dos adufes e violas, e nos transporta ao meio das rústicas e singelas cenas de prazer da vida do sertanejo.

O lado lúdico dessa forma de cooperação ajudava a transformar o árduo trabalho em uma grande festa. Eram comuns durante as atividades do *batalhão* as cantorias em ritmo de aboio, toadas e samba de roda. Assim os agricultores desenvolviam as mais penosas tarefas sem percebê-las, já que estavam entretidos com os cantos.

A seguir será exposto um canto de trabalho, entoado durante a derrubada das matas, enquanto os agricultores estavam manejando os machados, foices, serras e estrovengas, assim afirmou José Antônio de Santana, 85 anos, povoado Boa Sorte:

Bernadino foi à serra,  
Foi pegar beija-flor.  
Só não quero que pegue,  
Os canários cantador.

Pau pereiro, pau pereiro,  
Pau pereiro ingratidão.  
Todo pau floreia e brota,  
Só o pau pereiro não.

Pau pereiro, pau pereiro,  
Olha a seca do verão.  
Todo pau cai a folha,  
Só o pau pereiro não.



Nos *batalhões*, as tarefas eram bem definidas no tocante ao gênero, sendo que aos homens cabia a tarefa do roçado, enquanto às mulheres a preparação dos alimentos a serem consumidos durante o dia, entre outros afazeres domésticos; as crianças também participavam transportando água em cabaças e moringas para os trabalhadores. Percebe-se claramente, que a mão-de-obra feminina era menos valorizada e a sua participação estava atrelada a presença masculina de um membro da família (cônjuge, pai ou irmão).

Quanto à alimentação servida aos participantes do batalhão, os pratos mais comuns eram buchadas, pirões e galinhadas; destaca-se que a parada no intervalo para o almoço era anunciada através de cantos<sup>3</sup>. Já as bebidas alcoólicas consumidas durante as diferentes formas de cooperação, as mais citadas foram: meladinha (uma mistura de cachaça com mel) ou cachaça com ervas regionais em infusão (angico, imburana, quixabeira, milone, casca de pau, entre outras), previamente preparadas pelos agricultores. Aos poucos estas bebidas foram substituídas pelas industrializadas, a exemplo das aguardentes 21 e 51, facilmente encontradas nos armazéns dos povoados.

### No ritmo da cooperação: a pisada

De acordo com as informações prestadas pelos agricultores do município, o termo *pisada*, refere-se ao ritmo que era dançado por eles na realização das tarefas dessa forma de cooperação. A diferença entre essa modalidade e o *batalhão* estava no tempo necessário para a execução do serviço, visto que este era realizado utilizando-se apenas um período do dia, verificando-se que normalmente, os serviços eram realizados à noite. O ritmo da pisada do samba de coco<sup>4</sup> ajudava a aquecer os corpos dos agricultores nas baixas temperaturas, comum na região no período noturno.

O código de ética estabelecido pela comunidade e que deveria ser seguido era o mesmo das outras modalidades de cooperação: o compromisso moral de ter que retribuir em outro momento a ajuda recebida, ou seja, a dívida.

Caldeira (1956) constatou em seu estudo sobre agricultores da região semi-árida do estado da Bahia que “o trabalho de despalar o milho e batê-lo sobre jiraus era outra operação em que os lavradores se assistem reciprocamente. Começando de ordinário entre 6 e 7 horas da noite, prolongando-se por três ou quatro horas”.

Outra diferença em relação ao *batalhão* era que neste caso, não existia o compromisso por parte do agricultor beneficiário com o fornecimento de alimentos e bebidas. Visto que se tratava de atividades corriqueiras, portanto, com maior incidência do que outras formas de cooperação, além da limitação de tempo, não ultrapassando uma diária de quatro horas.

As tarefas mais comuns executadas nas pisadas eram a quebra de milho, debulhar milho e feijão e a produção de farinha de mandioca. Observa-se no relato abaixo também a descrição de momentos lúdicos.

“... pois é, naquele tempo não tinha máquina e, os pais da gente colocava roça grande onde as mais pequenas era de trinta tarefa, aí era muito milho, quando era boca da noite claro, de

<sup>3</sup> Segundo Josefina da Silva, 65 anos, agricultora do povoado Barra Verde: Dona da casa eu quero comer / Eu quero beber / Eu quero aguardente. Faz um pagode / Não mata bode / Convida a gente. Limoeiro cai na mata fechada / A chuva era muita / E o relâmpago era demais / Sustenta a pisada / Choveu trovada.

<sup>4</sup> O samba de coco refere-se ao samba tirado de cabeça, de improviso. O som característico do coco vem de quatro instrumentos (triângulo, ganzá, pandeiro e atabaque), mas o que marca mesmo a cadência desse ritmo é o replicar acelerado dos tamancos e das palmas (Câmara Cascudo).



lua né, todo mundo se reunia ao redor das ramas de milho, descascando, cantando e dizendo versos, também bebia né, tomava vinho essas coisas, daí também saía paquera, saía namorinho e até casamento...” (T. M. P. – Povoado Angico)

A *pisada* era uma forma de cooperação bastante utilizada na produção artesanal de farinha de mandioca. Enquanto as mulheres raspavam e ralavam a mandioca, aos homens cabia o trabalho de girar o rodete manual, prensar a massa, torrar a farinha no tacho e manter o forno abastecido de lenha; essa definição das tarefas entre gênero tem como base o pensamento comum entre os agricultores da região que as mulheres conseguem realizar melhor a raspagem da mandioca, tendo em vista a sua agilidade e destreza, assim como facilidade para se agachar. A produção era para o consumo próprio da família, durante alguns meses, podendo o excedente ser emprestado, trocado ou até mesmo doado aos vizinhos.

Observa-se atualmente na área de estudo um grande número de casas de farinha comunitárias desativadas, onde os prédios estão servindo para outros fins, a exemplo de escolas, depósitos e sede das associações comunitárias. As casas de farinha estão perdendo a sua finalidade, devido à redução da produção de mandioca no município, uma vez que áreas que até então eram utilizadas no cultivo de mandioca, agora se destinam ao plantio de milho e palma para alimentação dos rebanhos bovinos; outro fator que também contribuiu para a queda na produção de mandioca foi o baixo preço da farinha, levando o agricultor a optar por outros cultivos de maior valor agregado.

### Construindo cooperação: a taipa de casa

Nessa modalidade de cooperação, vizinhos, parentes e amigos eram convidados previamente para a construção de uma casa de taipa, também conhecida regionalmente como casa de sopapo, ou pau-a-pique. Neste tipo de construção toda a matéria-prima necessária era retirada nas matas próximas ao local onde seria erguida a nova moradia. A parede era iniciada pela fixação das peças de madeira mais grossas que sustentam o envarinhamento feito com galhos de árvores e amarrados com cipós. Cabe ressaltar, que a estrutura de madeira era anteriormente construída para facilitar o serviço, haja vista, a disponibilidade de um dia de trabalho do grupo de agricultores para a construção da moradia.

Com a estrutura pronta, é a vez do barro, que era transportado do barreiro até o local da edificação, em um bangüê de madeira e cipó carregado no ombro por quatro homens, que se revezam nas atividades, enquanto um outro grupo masculino aguarda o barro para a compactação e depois preenchimento da estrutura de madeira. Mulheres e crianças desenvolviam nesta forma de cooperação as mesmas tarefas exercidas por elas nos batalhões.

“As crianças participavam, ficavam todas sujinhas de barro, brincando de jogar barro uns aos outros, correndo, se divertindo, todo mundo se divertindo...” (J. S. – Povoado Barra Verde)

Durante a taipa de casa eram entoados cantos<sup>5</sup> e desenvolvidas algumas coreografias na mistura do barro com a água, o que demonstra o caráter festivo na interação social. As músicas eram puxadas de preferência pelo proprietário da casa, ou por um parente, identificado por um lenço

---

<sup>5</sup> Canto de trabalho entoado durante a taipa de casa, segundo Francisco da Silva, 67 anos, agricultor do povoado Barra Verde: A despedida do barreiro / É que faz chorar / Faz chorar e soluçar / É que faz chorar. Aqui não quero morar / É que faz chorar / Quem quiser fique morando / É que faz chorar. Corta corta, emenda emenda / Quando eu quero emendar / Dou um nó esconde a ponta / Para o outro não desatar.



amarrado no pescoço, como forma de demonstrar a sua gratidão aos participantes, além da alegria por está realizando o desejo da casa própria.

“Todo mundo se divertia, todo mundo cantava, todo mundo sambava, uma pessoa subia no bangüê com um lenço amarrado no pescoço para animar, carregado por quatro homens sobre os ombros, e toda aquela turma saía acompanhando e sambando, era muito divertido” (T. P. – Povoado Angico)

Para Woortmann (1990), essa troca de tempo entre vizinhos é pensada como ajuda entre iguais que será retribuída, atividade descrita mais como festa do que como labuta. E em festa, as paredes vão sendo preenchidas artesanalmente, nesta técnica tradicional que apresenta um satisfatório conforto térmico e uma forte resistência ao tempo.

Todavia, este tipo de edificação tem apresentado um sério problema do ponto de vista sanitário, uma vez que as paredes das casas de taipa servem de alojamento para o inseto conhecido popularmente como barbeiro, transmissor da doença de Chagas<sup>6</sup>.

Quando se tratava de uma construção para um novo casal, durante a *taipa de casa* já se comemorava o matrimônio, visto que geralmente a moradia era erguida na véspera do casamento. Dependendo das condições financeiras dos noivos a comunidade contribuía de alguma forma para ajudá-los.

“Aí tinha também os leilões, as pessoas se ajuntavam, um dava um sabonete, outro uma goiabada, um peru, uma galinha, um bezerro, para ajudar um ao outro, aí fazia aquele leilão e construía a casa” (J. S – Povoado Barra Verde)

### **Aboiadores da cooperação: a ferra e a pega de boi**

A *ferra* e a *pega do boi* são formas de cooperação que eram praticadas tradicionalmente pelos agricultores do sexo masculino no município de Nossa Senhora da Glória. Ressalta-se que os vaqueiros às vezes precisavam ficar alguns dias afastados de casa para a execução de algumas tarefas, a exemplo da condução do rebanho para outras áreas; no entanto, cabiam às mulheres os afazeres domésticos, cuidar dos filhos e parte das atividades do roçado.

Em relação à *ferra de boi*, o costumeiro era apenas uma grande reunião por ano em cada região, no período de inverno, para realizar a marcação a ferro quente nos animais. Já a segunda forma de cooperação era uma prática corriqueira, visto que, os estabelecimentos do município até a década de 1950 não possuíam cercas, e os animais eram criados soltos agrupando-se facilmente aos de outros proprietários. Estas faixas de terra eram denominadas de “terra de heróis”, pois não havia documentação legal e qualquer agricultor poderia utilizá-los.

Alguns critérios eram determinantes para a escolha dos locais onde deveria realizar-se a *ferra de boi*, como: disponibilidade de água para desidratação animal, que fosse centralizado e de fácil acesso para a maioria dos participantes, além da predisposição dos agricultores daquele local em fornecer a alimentação aos vaqueiros participantes. Tudo pensado para que fosse bem sucedida, e após a definição do local, este passava a ser referência na região e dificilmente mudava, permanecendo por vários anos.

<sup>6</sup> A doença de Chagas é uma enfermidade causada por um protozoário parasita chamado *Trypanosoma cruzi* ([www.abcdasaude.com.br](http://www.abcdasaude.com.br)). Atualmente, o Governo do Estado de Sergipe implantou um programa social de erradicação das casas de taipa, denominado Sergipe Minha Casa, com o objetivo de reduzir a propagação dessa doença.



Segundo relatos de agricultores nos diversos povoados do município, as *ferras de boi* mais famosas de Nossa Senhora da Glória eram realizadas nos povoados Lagoa Bonita, Angico, Lagoa do Rancho, Lagoa do Chocalho e Quixaba; justamente os povoados que melhor atendiam ao conjunto de requisitos para a realização desta prática solidária.

“A gente se reunia o dia todo para ferrar os animais e às vezes aproveitava logo para vacinar também ( ), vinha esse povo todo daqui da região, fazia comida para todos, era muito bom vê os amigos” (M. P. O. - Povoado Lagoa do Chocalho).

Para Cunha (1914, p.84), a primeira coisa que os vaqueiros dos sertões da Bahia faziam era “aprender o *abc* e, afinal, toda a exigência da arte em que são eméritos: conhecer os ferros das suas fazendas e os das circunvizinhas”. Chamam-se assim os sinais (letras e desenhos) no dorso dos animais, feitos a ferro quente<sup>7</sup> para a identificação dos proprietários dos mesmos.

O vaqueiro, não se contentando em ter de cor os ferros de sua fazenda, aprendia os das demais. Chegando às vezes, por extraordinário esforço de memória, a conhecer, uma por uma, não só as reses de que cuidava, como as dos vizinhos, incluindo-lhes a genealogia e hábitos característicos os nomes, as idades, etc. (Cunha, 1914).

Ressalta-se que a cooperação e a confiança entre os vaqueiros no passado também foi relatado como tradição em Nossa Senhora da Glória. Quando um vaqueiro encontrava um animal de terceiros, cuja marca era conhecida, entregava de imediato ao seu proprietário. Quando não conseguia identificar o proprietário, guardava o animal em sua propriedade, cuidando da mesma forma de que tratavam os de seu rebanho, e sem usá-lo para o trabalho, na expectativa que o dono um dia aparecesse ou que o animal morresse de velho. Em se tratando de uma fêmea, no caso de reprodução, a cada quatro animais nascidos um seria para o vaqueiro que estava com a posse, denominando-se de quarteiração.

A *pega de boi* foi outro tipo de cooperação citada, bastante praticada até o final dos anos de 1970 na região; é que quando um vaqueiro precisava encontrar algum animal que estava desaparecido, recorria à ajuda dos vizinhos e amigos para localizá-lo em matas fechadas.

“A pega de boi era assim: quando um animal que pertencia à gente fugia, naqueles tempo, a gente reunia os amigos e ia procurar até encontrar, às vezes achava logo e às vezes demorava, mas a gente só voltava quando achava” (P. J. M. – Lagoa do Chocalho).

Vejamos um canto de trabalho entoado em forma de repente durante a *pega de boi*, como afirma Terezinha Mendonça Pereira, 47 anos, povoado Angico:

Fui convidado para uma festa,  
Pedro Silva me convidou,  
Para ir à terra do mandi,  
Pra pegar ruador,  
Antônio, Zeferino, Luiz, Daniel, Pedro, Caboclo, Eliseu e Xavier,  
Vieram avisar que o boi é bravo e corredor,  
O garrote correndo faz bagaceira na sucupira, na caatinga,  
Por meio da imburana, alecrim, gameleira,  
Descendo o riacho até a cachoeira, e ainda corre dizendo eu sou ruador.

<sup>7</sup> Ressalta-se que nos últimos anos a tatuagem a fogo vem se constituindo numa prática em desuso, uma vez, que reduz o valor comercial da pele bovina. Constatase que alguns agricultores do município estão utilizando marcadores numéricos fixados nas orelhas dos animais para fins de identificação destes.



Percebe-se nessa letra da música o caráter de festa que era dado à *pega de boi*, bem como as espécies vegetais e paisagem dos agroecossistemas da região.

Conforme Caldeira (1956, p.196), “se um vaqueiro tinha de pegar uma ou mais reses de sua fazenda no território de outro, dirigia-se primeiramente ao respectivo proprietário ou vaqueiro e pedia campo, o que significa consentimento e auxílio, e ninguém podia recusar-se a dar campo”.

Cunha (1914) em *Os Sertões* também destaca o caráter solidário desse costume na zona sertaneja quando afirma “solidários todos, auxiliam-se incondicionalmente em todas as conjunturas”.

A solidariedade retratada pelo autor em seu romance, era bastante comum na região de Nossa Senhora da Glória entre os vaqueiros. No entanto, nos últimos anos, essas formas de cooperação vêm perdendo força, principalmente com o desmatamento da região e a delimitação das propriedades, através de cercas, dificultando a fuga dos animais. Porém foi observado que alguns agricultores dos povoados Lagoa do Chocalho e Quixaba reservam um dia da semana para praticar a *pega de boi*, não mais como forma de cooperação, mas como esporte.

## Considerações Finais

Ao que pesem as considerações empreendidas neste artigo, pode-se concluir que, principalmente, a partir da década de 1980 o Estado passou a se apresentar como uma forma de dádiva nos tempos modernos. Ele seria a representação da solidariedade, utilizando-se das associações de desenvolvimento comunitário para operacionalizar a redistribuição de forma ampla e igualitária. Daí a importância das associações para o Estado, servir de instrumento para a implantação de políticas públicas.

O Estado assumiu o papel de representação da solidariedade na medida em que os serviços, que até então, eram realizados internamente pela própria comunidade, passaram a ser assumidos pelo mesmo, a exemplo da construção de casas de farinha motorizadas, construção de casas populares em alvenaria, mecanização da agricultura e etc. Ao tempo em que cria uma perigosa relação de dependência assistencialista, com fins eleitoreiros.

Entende-se que esta tentativa de substituição de dádivas entre os agricultores pelo Estado não poderia dar certo, uma vez que são sistemas diferentes, com princípios diferentes. A partir do momento em que se paga impostos para obter em contrapartida serviços, a relação passa a ser vista como uma troca, prevalecendo à quitação monetária de dívidas e a impessoabilidade; dessa forma contrariando os pressupostos da dádiva.

Outro aspecto é que os Programas de Desenvolvimento Rural Integrado, implantados em Sergipe a partir da década de 1970 pelo Pólo Nordeste e na década seguinte pelo PRONESE embora definidos como projetos de desenvolvimento sustentável não tiveram a preocupação com os aspectos culturais e históricos, prevalecendo estritamente o aspecto econômico, levando uma visão de mercado para o agricultor familiar. Ressalta-se que a sustentabilidade tem que levar em consideração seus diversos aspectos.

Neste sentido, verificou-se que as práticas de cooperação (batalhão, pisada, taipa de casa, a pega e a ferra de boi) em contraposição ao modelo de organização implantado pelo Estado, através das associações, não estavam atreladas ao retorno financeiro. Uma vez que o compromisso da participação era determinado pelos princípios da solidariedade entre vizinhos, amigos e parentes.



Observou-se também que as atividades lúdicas desenvolvidas durante a execução das tarefas nas diversas formas de cooperação eram importantes para a interação social das comunidades e para o entretenimento dos participantes nas tarefas mais árduas.

As tarefas desenvolvidas durante as formas de cooperação eram bem definidas por grupo de participantes e por gênero, onde em geral as mulheres assumiam os papéis secundários, no entanto, em relação às formas de cooperação denominadas de *pega de boi e ferra*, eram praticadas exclusivamente pelos homens.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. **Introdução à metodologia da pesquisa social**. Lavras: UFLA 1999. 125 p.

BUARQUE DE HOLANDA, S. **Raízes do Brasil**. 20.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988. 158 p.

CAILLÉ, A. **Dádiva e associação**. In: A dádiva entre os modernos: Discussão sobre os fundamentos e as regras do social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002a. p. 191-205.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**. 7ª ed. São Paulo: Livraria duas Cidades, 1987. 284 p.

CALDEIRA, C. **Mutirão: formas de ajuda mútua no meio rural**. São Paulo: Brasiliense, 1956. 222 p.

CUNHA, E. **Os sertões**. São Paulo: Ediouro, s/d. 363 p.

GODBOUT, J. T. **O espírito da dádiva**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999.

GONZAGA, L. **Volta pra curtir**. RCA/BMG.1972.

GUIMARÃES, B. **O seminarista**. São Paulo: Ática, 1995. 102 p.

FREIRE, E. **História dos municípios**. Aracaju: Cinform, 2002. 272 p.

MAIA, C., LOPES, M. **Formas tradicionais de solidariedade camponesa no Vale do Jequitinhonha**. Montes Claros: Unimontes Científica V.5, n. 2 – julho/dezembro de 2003.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. Cosac & Naify: São Paulo, 2003.

MOTA, D. M., VASCONCELLOS, J.B.G. **Dinâmica territorial no sudoeste sergipano: “A diversificação por tradição”**. Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção. Aracaju, SE. 2004.

QUINTANEIRO, T.; BARBOSA, M. L. O.; OLIVEIRA, M. G. **Um Toque de Clássicos: Durkheim, Marx e Weber**. Belo Horizonte, editora UFMG, 1996.



VIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE  
PRODUÇÃO

Agricultura Familiar: Crise Alimentar e Mudanças Climáticas Globais

SÁ, J. L., **Fortalecimento da produção familiar em sistema agroecológico na bacia leiteira do semi-árido sergipano**. Projeto de Pesquisa da Embrapa Semi-árido. 2004.

TEDESCO, J.C. **Terra, trabalho e família: racionalidade produtiva e ethos camponês**. Passo Fundo: EDIUPE, 1999. 324 p.

WOORTMANN, K. **Com parente não se negueia**. In: ANUÁRIO ANTROPOLÓGICO. 1987. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1990. p. 11-73.